

Tiago Salerno

Faculdade da Alta Paulista –
FADAP/FAP

tiago_salerno01@outlook.com

**Nicoli Carolini de Lázari
Hatano**

Faculdade da Alta Paulista –
FADAP/FAP

nicolilazari@gmail.com

Correspondência/Contato

Faculdade de Tecnologia de Assis - FATEC

Av. Dom Antônio, 2100
CEP 19806-900
Fone (18) 3324-1607
rgecontato.fatecassis@fatec.sp.gov.br
<http://www.fatecassis.edu.br>

Editores responsáveis

Taciana Maria Lemes de Luccas
taciana.luccas@fatec.sp.gov.br

Rafael Oliva
rafael.oliva@fatec.sp.gov.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a importância do agronegócio no Brasil. Especificamente, buscou-se apresentar uma breve evolução do agronegócio no país, identificar a evolução do PIB do agronegócio e apontar contribuições do agronegócio para a balança comercial e o mercado de trabalho. Foi realizada uma análise de dados secundários associados ao agronegócio, ao PIB, à balança comercial e ao mercado de trabalho. Estes dados foram obtidos por meio do Cepea/Esalq-USP, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços e RAIS. Foi possível apresentar uma breve evolução do agronegócio no Brasil, desde a autossuficiência da agricultura até o surgimento de diversos segmentos, como insumos, indústria e serviços. Observou-se que entre 2007 e 2017 o saldo da balança comercial brasileira cresceu e o agronegócio contribuiu para este crescimento. O PIB do agronegócio cresceu 26% no período em questão. Em 2017 o número de pessoal ocupado representou quase 20% do total de ocupados do país. Foi possível perceber o quanto este setor é importante para economia do país. Todavia, existem fragilidades, como a alta dependência de serviços de transportes. Tais fragilidades devem ser superadas para que o setor possa aumentar sua eficiência e contribuir ainda mais para a economia brasileira.

Palavras-chave: Agronegócio. PIB. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the importance of agribusiness in Brazil. Specifically, we aimed to present a brief evolution of agribusiness in the country, to identify the evolution of agribusiness GDP, and to point out agribusiness contributions to the trade balance and the labor market. An analysis of secondary data related to agribusiness, GDP, trade balance and labor market was carried out. These data were obtained through Cepea / Esalq-USP, Ministry of Industry, Foreign Trade and Services, and RAIS. It was possible to present a brief evolution of agribusiness in Brazil, from the self-sufficiency of agriculture, to emergence of several segments, such as inputs, industry and services. It was observed that between 2007 and 2017 the Brazilian trade balance grew, and agribusiness contributed to this growth. Agribusiness GDP grew by 26% in the period in question. In 2017 the number of employed represented almost 20% of the country's total employed population. It was possible to perceive how important this sector is to the country's economy. However, there are weaknesses, such as high dependence on transport services. Such weaknesses must be overcome so that the sector can increase its efficiency and contribute even more to the Brazilian economy.

Keywords: Agribusiness. GDP. Development.

1 INTRODUÇÃO

O agronegócio está entre os setores que mais contribuem para o crescimento do Brasil. Pode ser visto como uma junção de segmentos, envolvendo cadeias de produção, fornecimento de bens e insumos para a produção, processos de transformações de recursos, distribuição e consumo, segmentos que movimentam vários setores da economia (ARAÚJO, 2007).

A partir dos avanços observados no agronegócio, alguns reflexos associados ao nível de exportação do país, ao PIB e até mesmo à geração de empregos foram percebidos. Notam-se contribuições positivas tanto em termos monetários como em aspectos sociais.

Conforme Brasil (2018), o agronegócio foi responsável por mais de 40% do total de exportações em 2018 no país. Afirma-se ainda que sem a participação deste setor na balança comercial, a mesma poderia apresentar déficit de mais de 10 bilhões de dólares.

O crescimento da produção agrícola está associado aos investimentos em pesquisa e em tecnologia e, conseqüentemente, aos ganhos de produtividade (CEPEA, 2018a). A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), por exemplo, teve um grande papel para a evolução do cenário rural do país. Gerou contribuições ao criar soluções para o desenvolvimento sustentável, como alternativas para a gestão e produção, ao organizar ações para minimizar recursos e maximizar os resultados, ao analisar cenários para prever as possíveis mudanças e criar projeções para minimizar os danos, buscando aperfeiçoar e adaptar as tecnologias e técnicas.

Dessa forma, por meio de uma análise de dados secundários, o objetivo deste trabalho é analisar a importância do agronegócio no Brasil. Especificamente, busca-se apresentar uma breve evolução do agronegócio no país, identificar a evolução do PIB do agronegócio e apontar contribuições do agronegócio para a balança comercial e o mercado de trabalho.

2 REVISÃO DE LITERATURA: CONCEITO DE AGRONEGÓCIO

Segundo Araújo (2007), alguns fatos antecedem a visão sistêmica do agronegócio. Estabelecimentos rurais eram autossuficientes, em uma única propriedade haviam produções variadas, desde grãos, leguminosas, hortaliças e criação de animais. Essas produções sofriam os processos de transformações dentro da propriedade. Parte dessas produções era destinada para o próprio consumo e a outra era comercializada.

Porém, com o crescimento populacional, a migração da população da zona rural para a urbana, a inserção de novas técnicas e tecnologias no mercado, a industrialização dos produtos, o aumento da demanda de insumos pelas indústrias, os produtores rurais passaram a aumentar sua oferta de produtos, buscando assim novos recursos, o que levou à dependência de maquinários, serviços e outros insumos básicos para produção.

O termo agronegócio ou agribusiness, desenvolvido na Universidade de Harvard em 1957 por John Davis e Ray Goldberg, que ganhou força em décadas posteriores, surge para tratar dos mais

variados estágios necessários para a produção. As propriedades não eram mais autossuficientes, demandando assim um conjunto de recursos, como: infraestrutura, maquinários, serviços, insumos e outros.

Buscam-se constantemente tecnologias e técnicas de produção, para que ganhos de produtividade sejam percebidos e áreas, que antes eram improdutivas, tornem-se solos produtivos, garantindo um aumento significativo de resultados (GUANZIROLI; BERENGER, 2010).

Segundo Campos, Simonsen e Aidar (2017), o agronegócio trata-se de um setor cujas atividades estão diretamente ligadas com os demais setores da economia e da sociedade, sendo a soma de todas as cadeias produtivas, desde a produção até a distribuição de insumos e a comercialização de alimentos, fibras e energia. O agronegócio pode ser subdividido em três partes: “antes da porteira”, “dentro da porteira” e “depois da porteira”.

De acordo com estes autores, inicialmente têm-se os fornecedores de insumos e serviços para produção, divisão conhecida como “antes da porteira”; são as atividades necessárias para se iniciar a produção. Para que ela ocorra se faz necessário o uso de um dos princípios da administração, o planejamento, pois a partir dele se cria um esqueleto do que é primordial, o levantamento de recursos monetários, humanos, espaço, tempo, maquinário e equipamentos.

Posteriormente têm-se as atividades conhecidas como “dentro da porteira”. Nesta parte entra a produção de fato, indo do plantio à colheita. São colocados em prática os recursos levantados e produzidos “antes da porteira”, pois são os subsídios para garantir a produção e os resultados a partir do que foi planejado. Neste momento, inicia-se maior gerenciamento da produção.

Por fim, tem-se a subdivisão conhecida como “depois da porteira”, que envolve as questões da logística e comercialização. Segundo Campos, Simonsen e Aidar (2017) podem ser mencionados a armazenagem, a industrialização e a embalagem. Nesta subdivisão é preciso analisar o que foi planejado anteriormente, quais são as melhores técnicas e maneiras de produção e quais as necessidades de novas tecnologias para uma produção inteligente e eficaz, que diminua desperdícios e garanta bons resultados. Todas as atividades devem acontecer de forma coordenada e integrada.

3 METODOLOGIA

Este trabalho baseia-se em uma análise de dados secundários referentes ao agronegócio brasileiro, associados à representatividade deste setor para a balança comercial, para o PIB e para a geração de emprego e renda. A série de dados analisada compreende o período de 2007 a 2017. Por meio de gráficos e tabelas é possível avaliar o comportamento das diferentes variáveis ao longo do período proposto.

Os dados secundários referentes à balança comercial brasileira foram obtidos por meio do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. As variáveis analisadas são: exportação (em US\$), importação (em US\$) e saldo comercial (diferença entre exportação e importação no período analisado).

As informações sobre o PIB foram obtidas pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), que faz parte do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq – USP - Universidade de São Paulo). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se desde a produção de insumos para a agropecuária até a distribuição do produto final. As variáveis analisadas foram: PIB do Brasil; Produção pecuária e agrícola; PIB do agronegócio, que neste caso é formado por insumos, agropecuária, indústria e serviços.

Para mensurar o crescimento do valor do PIB do agronegócio ao longo dos anos (entre 2007 e 2017), utilizou-se a técnica de deflacionamento a partir do Índice Geral de Preços (IGP-DI), obtido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). A variação percentual entre 2007 e 2017 do PIB do agronegócio foi calculada como: $[(\text{Valor Final} / \text{Valor Inicial}) - 1] * 100$.

Em relações ao emprego, foram avaliadas as seguintes variáveis: número de empregos formais na agricultura; Estabelecimentos com vínculos por setor de atividade. Os dados secundários foram disponibilizados pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), para o mesmo período, 2007 a 2017. São utilizados também dados sobre emprego disponibilizados pelo Cepea.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

O agronegócio gera diversas contribuições para o país. Contribui para a balança comercial, para o PIB, assim como para a geração de emprego. Portanto, os resultados serão apresentados considerando estes três diferentes aspectos.

Os dados da balança comercial referem-se à quantidade exportada e importada do agronegócio, resultando no saldo comercial do país. No seguinte tópico é exibida a relação do PIB do agronegócio e do PIB nacional, assim como as divisões dos resultados do PIB do agronegócio entre seus segmentos: insumos, agropecuária, indústria e serviços. Por fim é exibida a contribuição de cada segmento do agronegócio para a geração de postos de emprego.

4.1 Balança comercial

Todos os esforços e o empenho para a melhoria do agronegócio trouxeram resultados mensuráveis e visíveis para a economia e o desenvolvimento do setor, sendo um dos mais fortes da economia brasileira. Segundo Rodrigues (2007), o agronegócio representa em média 30% do PIB nacional, promove 37% dos empregos e representa 92% dos resultados comerciais. O autor ainda destaca que entre 1980 e 2006 o saldo da balança comercial brasileira cresceu de forma expressiva e um dos fatores que justificam este resultado é o fator tecnológico, que garante a produtividade em diferentes cadeias do agronegócio.

A tabela 1 apresenta a balança comercial brasileira no período de 2007 a 2017. Nota-se crescimento positivo deste saldo no período. As exportações superam as importações, exceto em 2014, quando o saldo ficou negativo. Esta queda pode ser explicada devido à queda no preço de algumas

commodities e à crise presente em países que consomem os produtos brasileiros, conforme Godinho (2014).

Por meio da figura 1 é possível notar, de forma mais clara, como se deu o desenvolvimento com o passar dos anos. Mesmo havendo um período de queda do comércio internacional, em que os resultados foram negativos, o agronegócio se manteve estável, seguiu com um leve aumento e garantiu resultados favoráveis ao final do período analisado, tendo um alto crescimento, saindo de um saldo negativo e retomando o crescimento positivo entre 2014 e 2017.

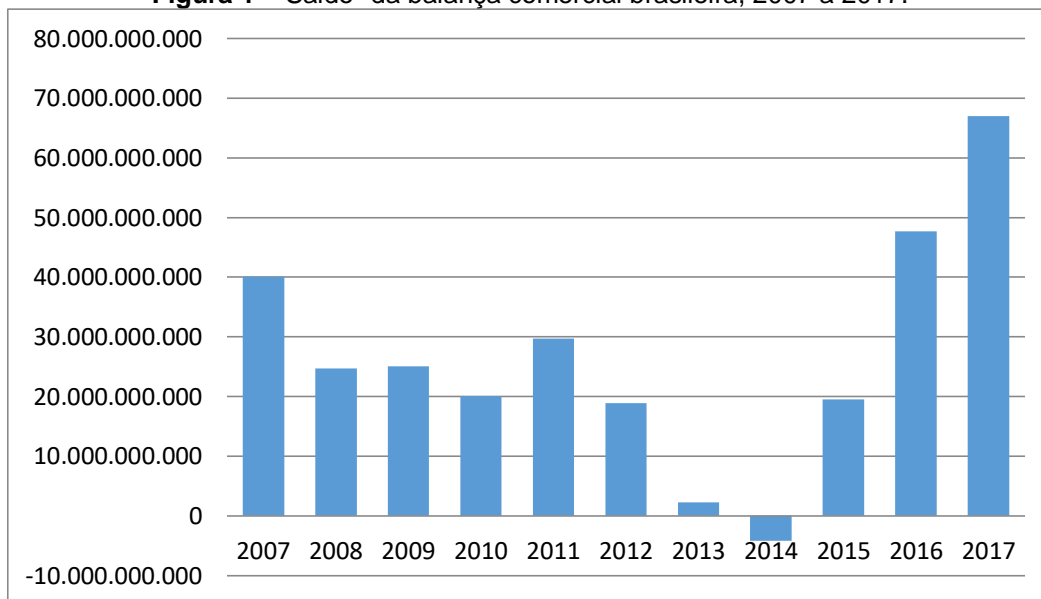
Tabela 1 - Balança comercial brasileira, 2007 a 2017.

Ano	Exportação (US\$)	Importação (US\$)	Saldo Comercial (US\$) ¹
2007	160 521 882 755	120 475 382 973	40 046 499 782
2008	197 778 858 085	173 118 588 785	24 660 269 300
2009	152 910 580 383	127 812 153 899	25 098 426 484
2010	201 788 337 035	181 774 969 378	20 013 367 657
2011	255 936 306 857	226 244 222 128	29 692 084 729
2012	242 277 307 190	223 366 721 023	18 910 586 167
2013	241 967 561 759	239 681 231 635	2 286 330 124
2014	224 974 401 228	229 127 843 314	-4 153 442 086
2015	190 971 087 339	171 458 999 759	19 512 087 580
2016	185 232 116 301	137 585 830 976	47 646 285 325
2017	217 739 218 466	150 749 494 421	66 989 724 045

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

Nota: 1. Saldo Comercial = Exportação - Importação

Figura 1 – Saldo¹ da balança comercial brasileira, 2007 a 2017.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

Nota: 1. Saldo Comercial = Exportação - Importação

4.2 Produto Interno Bruto (PIB)

Outro forte indicador de resultados é o PIB. Um fator macroeconômico que corresponde pela soma total de todos os serviços e bens de um país ou de uma região em valores monetários em um determinado espaço de tempo. Com isto é possível medir o quão produtivo é um país ou região e qual o retorno dessa produtividade. O PIB serve para avaliar a capacidade de uma região. Especificamente, o PIB do agronegócio pode ser dividido em quatro setores, segundo Cepea (2018), são eles: Insumos, Agropecuária, Indústria e Serviços. Pode ainda ter duas subdivisões: a agrícola, correspondente à produção vegetal e a pecuária, que representa a cadeia animal.

A tabela 2 mostra a participação do agronegócio no PIB do Brasil, dividido entre o ramo agrícola, que envolve toda a produção do âmbito vegetal e a pecuária, que foca na área da criação de gado dentre outros animais. Tal soma representa todo o conjunto do agronegócio. Deve ser lembrado que em cada um desses ramos, têm-se as somas dos segmentos: insumos, agropecuários, industriais e serviços, que estão interligados.

O agronegócio contribui positivamente para o PIB do Brasil. No período entre 2007 e 2017, o percentual do agronegócio no PIB do país apresentou pouca variação. Em 2007 representava 22,7% do PIB nacional e em 2017 o percentual passou a ser de 21,6%. Segundo IBGE (2017), o PIB nacional, que cresceu 1,0% em 2017, poderia ter apresentado um crescimento menor, de cerca de 0,3% apenas, se não houvesse a contribuição do agronegócio.

Tabela 2 - Participação do agronegócio no PIB do Brasil, 2007 a 2017 (%).

Ano	PIB do Brasil	Participação em %		
		Agronegócio ¹	Ramo Pecuário	Ramo Agrícola
2007	2 720 263	22.7%	17.1%	5.6%
2008	3 109 803	22.8%	16.5%	6.3%
2009	3 333 039	21.5%	15.7%	5.9%
2010	3 885 847	21.6%	15.7%	5.9%
2011	4 376 382	21.0%	15.7%	5.3%
2012	4 814 760	19.4%	14.8%	4.6%
2013	5 331 619	19.2%	13.8%	5.3%
2014	5 778 953	19.1%	13.1%	5.9%
2015	5 995 787	20.5%	14.0%	6.5%
2016	6 259 228	22.8%	16.0%	6.8%
2017	6 559 940	21.6%	15.0%	6.6%

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do CEPEA – Esalq/USP.

Nota: 1. Agronegócio = Insumos + Agropecuária + Indústria + Serviços.

O PIB, especificamente do agronegócio neste período (2007-2017), conforme dados do Cepea, atingiu uma variação¹ positiva de 26% entre 2007 e 2017. Os valores correntes do PIB do agronegócio foram deflacionados pelo IGP-DI.

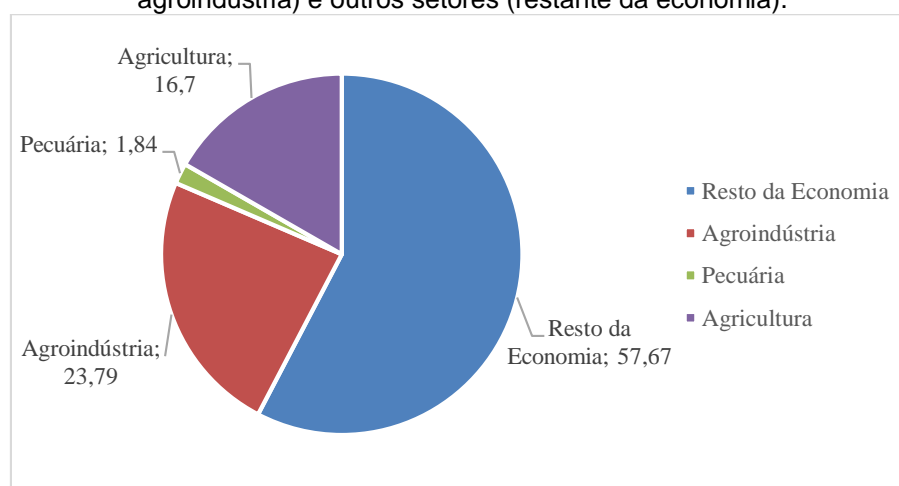
¹ Variação calculada como $[(\text{Valor final} / \text{Valor inicial}) - 1] * 100$

Ao analisar um período maior, de 22 anos, que vai de 1996 a 2017, percebe-se que a participação do PIB do agronegócio teve uma diminuição de seu percentual em cerca de 10%. O setor de serviços sempre representou a maior parte percentual do PIB do agronegócio, enquanto insumos sempre estiveram abaixo de 1,6%. Isso não significa que a produção no segmento de insumos é baixa, pois os insumos têm um menor valor agregado e o PIB é representado por valores monetários, o que afeta sua representação em relação aos demais segmentos.

Um fator que afeta diretamente os preços do agronegócio segundo Cepea (2018a), é o frete, pois atinge diretamente os custos do setor. Existe certa vulnerabilidade em relação ao tabelamento de fretes. A figura 2, disponibilizada pelo Cepea, demonstra como o agronegócio demanda mais serviços de transportes no Brasil, comparativamente aos outros setores.

Um exemplo desta vulnerabilidade foi vista em maio de 2018, durante a greve dos caminhoneiros, a qual afetou vários setores da economia, principalmente o agronegócio, que sofreu perdas significativas. Como consequência houve desabastecimento e atrasos nas exportações, afetando as negociações, alta dos preços, perda de produções por se tratar de cargas perecíveis e falta de insumos. Tais reflexos foram sofridos devido à alta dependência do setor rodoviário, segundo Rennó, Gilil e Fachinello (2018).

Figura 2 – Demanda por serviços de transporte no Brasil por setores do agronegócio (agricultura, pecuária, agroindústria) e outros setores (restante da economia).



Fonte: Dados compilados pelo Cepea/Esalq-USP a partir de informações das contas nacionais do IBGE.

A tabela 3 e a figura 3 exibem a participação dos diferentes segmentos: insumos, agropecuária, indústria e serviços, no PIB do agronegócio. É possível perceber a grande participação do segmento de serviços. Já os insumos apresentam um percentual de participação menor relativamente. Os setores sofrem variações proporcionais ao longo do período, o que mostra a interdependência entre os segmentos.

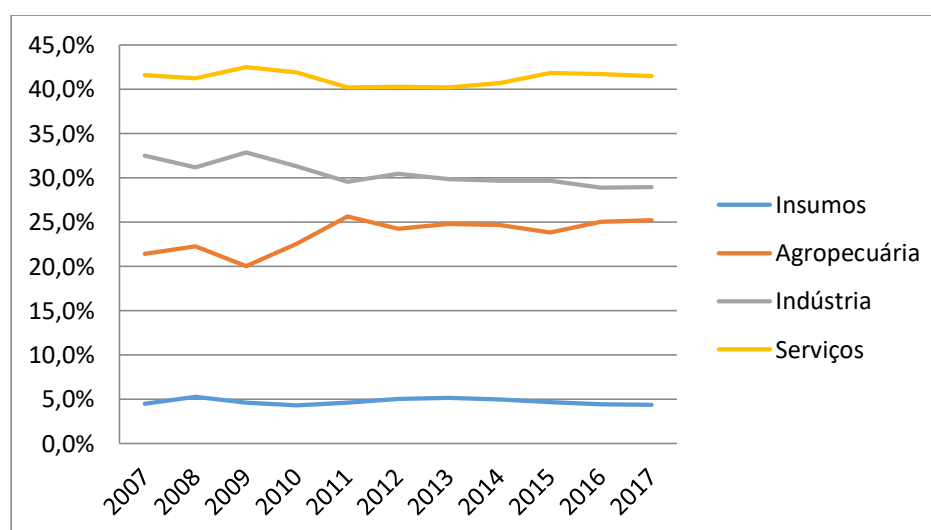
Tabela 3 - Participação dos segmentos no PIB do agronegócio, Brasil, 2007 a 2017 (%).

Ano	PIB do Agronegócio ¹	Insumos	Agropecuária	Indústria	Serviços
2007	100%	4.5%	21.4%	32.5%	41.6%
2008	100%	5.3%	22.3%	31.2%	41.3%
2009	100%	4.6%	20.0%	32.9%	42.5%
2010	100%	4.3%	22.5%	31.3%	41.9%
2011	100%	4.6%	25.6%	29.6%	40.2%
2012	100%	5.0%	24.3%	30.5%	40.3%
2013	100%	5.1%	24.8%	29.8%	40.2%
2014	100%	5.0%	24.7%	29.7%	40.7%
2015	100%	4.7%	23.8%	29.7%	41.9%
2016	100%	4.4%	25.0%	28.9%	41.7%
2017	100%	4.4%	25.2%	28.9%	41.5%

Fonte: CEPEA – Esalq/USP.

Nota: 1. Agronegócio = Insumos + Agropecuária + Indústria + Serviços.

Figura 3 - Participação dos segmentos no PIB do agronegócio, Brasil, 2007 a 2017 (%).

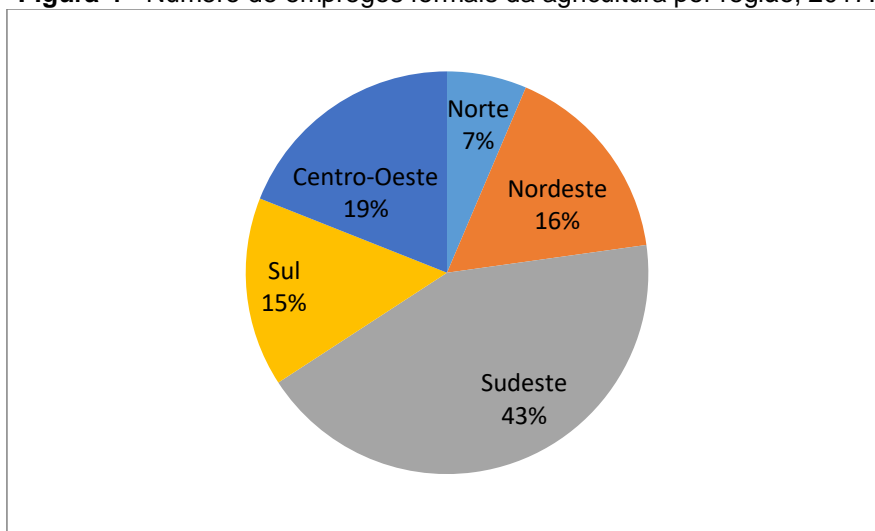


Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados do CEPEA – Esalq/USP.

4.3 Mercado de trabalho

Outro indicador da influência positiva do agronegócio é a geração de empregos. A figura 4 permite a compreensão da distribuição do número de empregos formais da agricultura por regiões do Brasil em 2017. A região Sudeste destaca-se com um percentual de mais de 40% em relação ao número de empregos formais. Este resultado era esperado, pois conforme dados do censo agropecuário de 2006, a região Sudeste representou 32% do valor da produção agrícola do país, maior percentual entre as demais regiões.

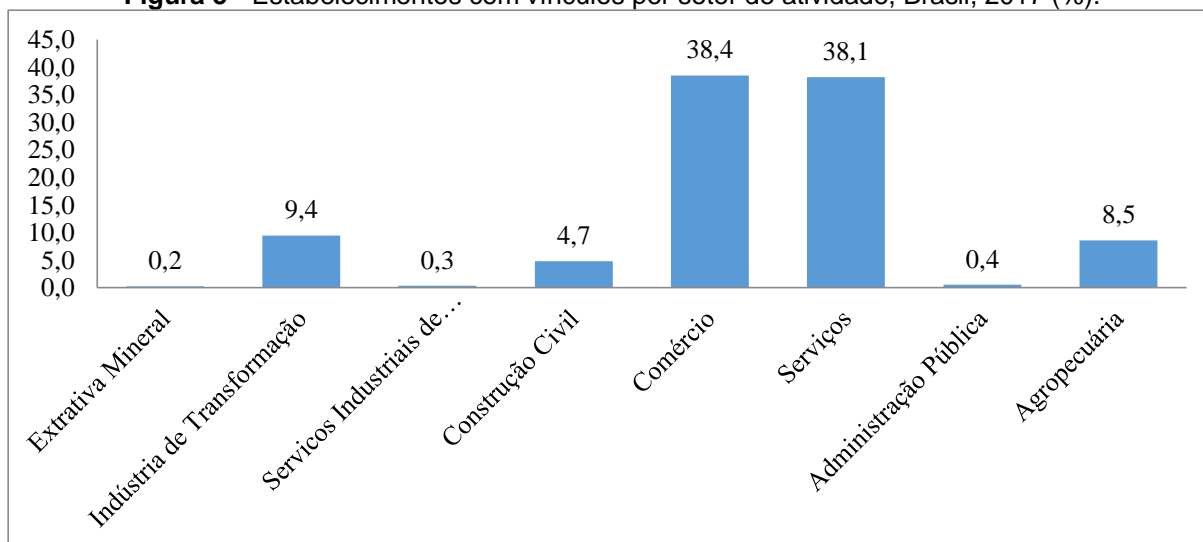
Figura 4 - Número de empregos formais da agricultura por região, 2017.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da RAIS.

Entre o período de 2007 a 2017 o percentual do total de estabelecimentos com vínculo na agropecuária sofreu pouca variação: 10,6% em 2007 e 8,5% em 2017. Entre os oito setores considerados pela RAIS (extrativa mineral, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública e agropecuária), a agropecuária é o quarto setor com maior percentual de estabelecimentos com vínculo. Vale ressaltar que a agropecuária é um dos segmentos do agronegócio. A figura 5 permite uma visualização mais clara dos estabelecimentos com vínculo em 2017 por setor de atividade econômica.

Figura 5 - Estabelecimentos com vínculos por setor de atividade, Brasil, 2017 (%).



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da RAIS.

Ao considerar dados do Cepea-Esalq/USP, que apresenta o número de pessoal ocupado no agronegócio como um todo e por segmentos (insumos, agropecuária, indústria e serviços) em 2017, nota-se que o número de pessoal ocupado no agronegócio em 2017 representou quase 20% do total de

ocupados do país. A agropecuária foi responsável por 9,01% do total de ocupados, os serviços por 6,31%, à indústria por 4,31% e os insumos por apenas 0,24%.

Para um período mais recente, segundo Cepea (2018b, p.4) e informações do agronegócio como um todo, a ocupação de empregos chegou a 90,6 milhões de pessoas no primeiro trimestre de 2018. Deste total, o agronegócio representa uma participação de 20% na geração de empregos. O setor primário teve uma queda de -1,7% entre o primeiro trimestre de 2017 e o primeiro trimestre de 2018, enquanto os demais (insumos, agroindústria, serviços) obtiveram crescimento, especialmente o setor de insumos, com crescimento de 6,6%. Porém, o crescimento total do setor foi de 0,4% neste mesmo período. Um dos fatores que podem ter influenciado tal acontecimento, segundo Cepea (2018b, p.3) é a inviabilidade para pequenos produtores, devido à alta concorrência do setor e às oportunidades de empregos na área urbana.

A capacitação da mão de obra, que busca novas oportunidades e melhorias na qualidade de vida e as novas tecnologias também podem explicar estes resultados, pois cada dia mais se busca opções para minimizar os custos e maximizar os lucros, assim como maquinários mais eficientes.

Para este período mais recente (primeiro trimestre de 2017 e primeiro trimestre de 2018), observa-se por meio de dados da PNAD-Contínua e RAIS compilados pelo Cepea, que os trabalhadores sem nível de instrução tiveram uma queda de 21% enquanto, trabalhadores com nível superior alcançaram um aumento de 5,7%. Embora homens representem a maioria do número de trabalhadores neste setor, a participação da mulher neste mercado cresceu 1,2%.

Segundo dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) coletados no censo agropecuário 2017, o número de mulheres que são responsáveis pelos imóveis rurais teve um aumento, saltando de 12,68% em 2006 para 18,64% em 2017. Mesmo que estes dados sejam preliminares, pode-se verificar que as mulheres estão ganhando espaço no setor e que cada dia mais o agronegócio irá demandar mão de obra qualificada e especializada, visando unir os conhecimentos adquiridos ao longo das experiências anteriores para um melhor desempenho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar a importância do agronegócio no Brasil. Especificamente, buscou-se apresentar uma breve evolução do agronegócio no país, identificar a evolução do PIB do agronegócio, e apontar contribuições do agronegócio para a balança comercial e o mercado de trabalho.

Discutiu-se, de forma breve, a evolução do agronegócio no Brasil e seu desenvolvimento, desde a agricultura, em que os produtores eram autossuficientes, até a evolução deste cenário, em que foram criados vários setores que pudessem atender a demanda do mercado de forma mais eficaz.

Deste modo, surgiram cadeias de insumos, indústria e serviços, capazes de oferecer produtos com maior valor agregado, investindo em pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Um dos agentes que contribuíram para esta evolução foi a EMBRAPA, que desenvolveu regiões antes não produtivas devido

aos seus biomas e à falta de recursos adequados, como o cerrado, que antes era uma região improdutiva e hoje é um dos maiores produtores de grãos em decorrência das adequações realizadas e pesquisas desenvolvidas, com foco na sustentabilidade e no desenvolvimento da economia. Porém, ainda há regiões que necessitam ser estudadas e desenvolvidas.

Entre 2007 e 2017 o saldo da balança comercial brasileira cresceu de forma positiva e o agronegócio pode ter sido um dos setores que mais geraram contribuições para este crescimento. A participação do agronegócio no PIB do Brasil apresentou pouca variação no período 2007-2017. Em 2007 representava 22,7% do PIB nacional e em 2017 o percentual passou a ser de 21,6%. Ao considerar os dois diferentes ramos, nota-se que o pecuário tem maior representatividade que o agrícola. O PIB, somente do agronegócio, cresceu 26% no período em questão. Entre os segmentos que compõem este PIB, os serviços têm maior participação. Em seguida aparece a indústria, a agropecuária e os insumos.

Entre as grandes regiões do Brasil, o Sudeste ganha destaque por representar uma parcela relevante do valor da produção e o maior percentual da geração de empregos formais. A agropecuária foi o quarto setor de atividade econômica com maior número de estabelecimentos com vínculo empregatício em 2017.

Quando se considera o agronegócio, que é formado pelos segmentos de insumos, agropecuária, indústria e serviços, notou-se que em 2017 o número de pessoal ocupado no agronegócio representou quase 20% do total de ocupados do país. A agropecuária foi responsável por 9,01% do total de ocupados, os serviços por 6,31%, a indústria por 4,31% e os insumos por apenas 0,24%.

Portanto, a partir do presente trabalho foi possível perceber o quanto este setor é importante para economia do país. Todavia, por mais que apresente uma participação relevante, o setor ainda possui falhas, como a alta dependência de serviços de transportes, que devem ser estudadas e minimizadas para que o setor possa aumentar sua eficiência e gerar maiores contribuições.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. M. **Fundamentos de Agronegócios**. 2 ed. São Paulo: Atlas S.A. 2007.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Exportações do agronegócio garantiram superávit da balança comercial**. Brasília, DF: MAPA. 2018. Disponível em: <www.agricultura.gov.br>. Acesso em: 15 Set. 2018.

CAMPOS, C. C.; SIMONSEN, R.; AIDAR A. C. K. O agronegócio no Brasil interessa a quem? **Agronegócios**, Cadernos FGV Projetos, Ano 2 n. 4, p. 4, Abr. 2017. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6910/304.pdf>> Acesso em 05 Set. 2018.

CEPEA. Centro De Estudos Avançados Em Economia Aplicada. **Boletim Cepea do agronegócio brasileiro**. Piracicaba: Cepea, v.2, n.5, 2018a. Disponível em: <[https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relatorio%20PIBAGRO%20Brasil_MAIO_CEPEA\(2\).pdf](https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relatorio%20PIBAGRO%20Brasil_MAIO_CEPEA(2).pdf)>. Acesso em 08 de set. de 2018.

CEPEA. Centro De Estudos Avançados Em Economia Aplicada. **Boletim Cepea do mercado de trabalho**. Piracicaba: Cepea, v. 1, n.2, 2018b. Disponível em:

<[https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relatorio%20MERCADODETRABALHO_DEZEMBRO_CEP EA\(1\).pdf](https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Relatorio%20MERCADODETRABALHO_DEZEMBRO_CEP EA(1).pdf)>. Acesso em 05 de set. de 2018.

CEPEA. Centro De Estudos Avançados Em Economia Aplicada. **PIB AGRO**. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br>>. Acesso em 05 de set. de 2018.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **FGV IBRE**. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/fgv-ibre>>. Acesso em 05 de set. de 2018.

GODINHO, D. M. **Balança comercial brasileira** - Conselho Superior de Comércio Exterior da FIESP. 2014. Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/>>. Acesso em: 08 out. de 2018.

GUANZIROLI, C.; BERENGER M. O. **Experiências recentes bem sucedidas no Brasil em agronegócio e desenvolvimento rural sustentável**. n. 1, Brasília, DF: IICA, 2010. Disponível em : <http://catagronegocio.weebly.com/uploads/1/1/7/3/11739052/experincias_recentes_no_brasil_em_agronegocio_e_desenvolvimento_rural_sustentvel_ebook_2.pdf > Acesso em: 04 set. 2018.

MDIC. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Estatísticas de Comércio Exterior**. Disponível em: <mdic.gov.br>. Acesso em 05 de set. de 2018

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. **Anuário RAIS**. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/rais>>. Acesso em 05 de set. de 2018

RENNÓ, N.; GILIO, L.; FACHNLLO, A. **A vulnerabilidade do agronegócio às influências do tabelamento dos preços**. Piracicaba: CEPEA/ESALQ/USP, 2018. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/documentos/texto/a-vulnerabilidade-do-agronegocio-as-ineficiencias-do-tabelamento-de-fretes-autores-nicole-renno-leandro-gilio-e-arlei-fachinello-coordenacao-da-pesquisa-geral-do-barros.aspx>>. Acesso em: 09 de set. de 2018.

RODRIGUES, R. Desafio ao Campo. **Agronegócios**, Cadernos FGV Projetos, Ano2 n. 4, p. 5-9, Abr. 2017. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6910/304.pdf>> Acesso em 05 Set. 2018.

Recebido em 10/01/2019.

Aprovado em 01/04/2019.